

LEANDRO GOMES DE BARROS
O JOAZEIRO DO PADRE CICERO
O Cachorro dos Mortos



VOLUME 6

2/3



-O- LEANDRO GOMES DE BARROS -O-

O JOAZEIRO DO PADRE

CICERO



O autor da existencia
Fez em seis dias o mundo
Desceu com toda sciencia
Veio ao abysmo profundo
Mandou a terra mover-se
Mandou o sol recolher-se
A lua tivesse enchente
Entre a planisse e a serra,
Me fez o deus desta terra
Deichou-me a um padre somente

E me disse fique aqui
Eu fui seu criador
Olhe que ja vem alli
Rebanho que não tem pastor
Chega o orphão desvalido
Vem o pobre forajido
Que correu o mundo inteiro
Porem você diz ao mizero
Filho eu sou o padre Cicero
Chegue para o Juazeiro

—3—

E disse esse grande autor
Depois de se ver nascido
Venceraz seje quem for
E nunca seraz vancido
Então entrei a crescer
Comecei aflorecer
Dou pousada ao mundo inteiro
Si acaba tudo em geral
Porem fica por signal
O tronco de um Joazeiro

Ver-se pelos meus caminhos
Gente deste mundo inteiro
Todos estados vizinhos
Rende culto ao Joazeiro
Vem um me traz por lembrança.
Uma vacca gorda e mança
Parte de seus capitaes
As minhas ramas visozas
Tornam-se as mais venturozas
Do que todos vegetaes

Meu sollo tem produzido
Muito arvoredado poçante
Muitos tem merecido
Titulo de arvore gigante

Elevadas arueiras
Inportantes gamileiras
Que excede qualquer oiteiro,
Porem com toda vantagem,
Tem que render homenagem
A sombra de um joazeiro
Em minhas matas nasceu
Um monje, e n'ellas criou-se,
E dentro d'ellas cresceu
Depois de tudo ordenou-se
Seu nome tem se estendido
Sua fama tem crescido,
D'aqui até muito além
No inverno e no estio.
Em meu garboso sombrio
Dorme o rebanho que elle tem.
Vem de lonje alta potencia
Visitar minha grandeza,
Curva-se a minha sciencia
Se umilha até a riqueza
No cume de meus rochedos
São revelados segrêdos,
Que a outro, Deus não revela
Os planos de Geová

Elle os manda traser cá
Escriptos n'uma tabella

Em minhas medonhas grutas
Mil serpentes são criadas
Giboias feias e brutas
Estão em meu tronco enrôscadas
Sobre minhas grandes fontes
Jorra de cima dos montes
Um formidavel aguaceiro
Eu olho para a naturas
Disendo estou na altura
De ainda ser joaseiro

Das catadupas e cascatas
Vem agua a minha raiz
Minhas gigantescas matas
Engrandessem meu paiz
Sahem das mendonhas furnas
Innumeras aves noturnas,
Visitam meu taboleiro
Sobre meus ramos viçosos
Os passaros dão orglhosos
Mil vivas ao joaseiro

Sou das arvores espinhosas
A que melhor sombra dá

Nas minhas ramas viçosas
Tudo alli vem descansar
Alli chega o estadista
O pobre o capitalista
Em mim termina a viagem
Desde o mar a borborema
Tudo adota meu sistema,
E vem render-me homenagem

Sobre um solo pedregoso
Sugo a seiva pura e boa
Passo os verões bem frondoso,
Um padre velho me agôa
N'uma elegante planisse
Como talvez ninguem visse,
Iguais em sertões incultos
Alli pousa o viajor
Onde aprecia o sabor
De meus saborosos fructos

Entre os mais seres criados
Maior do que eu não ha
Pelos serviços prestados
A familia de Tupá
Minhas folhas o gado come
O passarinho mata a fome

Meus ramos servem de telhas
Minha copa verdejante.
Dar abrigo ao viante,
A flor fornece as abelhas

Existe em outras madeiras
Boas obras como um louro
Dão bons esteios arueiras
Anjico curte bem couro
E' lindo o jacanrandá
Dá bon fructo o trapiá
Paos ferros são resistentes
Minha casca amarellaça,
No corpo humano que passa
Limpa a pelle e arveja os dentes

Sou velho e emraizado,
Só conhesso a natureza
Inda mesmo aperriado
Não dou parte de fraqueza
Não a ferro que me corte
Por mais que o vento se porte,
Não me faz medo seu ronco
Afronto os atos de guerra
Os filhos de minha terra
Inda conservam meu tronco.

Cheguei a ponto de ter
Meu nome como uma historia
E ouço o mundo dizer
Que sou da patria uma gloria
Meus filhos são bem nutridos
Seus feitos estão conhescidos
Sua fama se estendeu
Eu fallo a todas as cascatas
E digo a todas as matas
O joaseiro sou eu.

Ninguem tem nada commigo
Eu me conservo aqui mesmo
Venha o maior inimigo
Que não poderá por termo,
Tenho um forte documento
Do autor do firmamento
Que me disse deixe está,
Podem fazerem-te guerra
Tú és a arvore da terra
E ninguem se offenderá.

❖ F I M ❖

O Cachorro dos Mortos



Disse o Zefirino ao velho
O senhor deve apromptar
Um cavallo bem ligeiro
Para quando elle saltar
Montar-se logo e correr
Antes do pôvo chegar

Eu hoje direi a elle
Tudo que está planiado
Que côr terá o cavallo
Que á de estar alli sellado?
Diga que é o poldro cobra
No que elle andava montado

Valdevino quando soube
Esta consulta que havia
Ficou como uma criança
Chorou alli de alegria
Jurando no mesmo instante
Que calar lhe pagaria

Então passaram-se os dias
Estava o povo aglomerado
Valdevino de Amorim
la ser executado
Tudo alli estava esperando
Vel-o morrer enforcado

Estava o estado maior
Que vinha presenciar
Subiu Valdevino a forca
Zeferino o foi laçar
Porem elle se encolhendo
Conseguiu d'alli saltar,

E sahiu como uma flexa
Entre o povo se metteu
Se montando no cavallo
Dalli desapareceu
Enternando-se no mato,
N'um instante se escondeu,

O povo indignou-se
Da fuga de Valdevino
Um d'aquelles que alli estava.
Estrangulou Zefirino.
Porque esse tinha dado
Evasão ao assassino.

Porem chegou o cachorro
Quasi na ocasião,
Soltou dois ou trez latidos
Sahiu de ventas ao chão
Quarenta e trez praças foram
Tambem em persiguição

Porem Valdivino ia
Em bom cavallo montado
Tinha grande desvantagem
De não ter sahido armado
E calar no rasto d'elle,
Gania muito vexado.

Foi preso o Elisiario
Como autor da evazão
O povo não o matou
Por elle está na prisão
E o bispo que sahiu
Pedindo a população

Era meia noite em ponto
Valdevino inda corria
O cavallo ja cançado
Que nada mais resistia
E o cachorro calar
De vez em quando latia.

Valdevino conhessendo
Que nada a elle valia
E o cachorro calar
Seu rasto não deicharia
Pençou em suicidar-se
Só assim descançaria

Dentro do mato apeiou-se
E amarrando o cavallo
Recostando-se a uma pedra
Sentiu alguém acordal-o
Nisso o cavallo soltou-se
Elle não pode pegal-o

Seguiu pôr uma verêda
Descalço e todo ronpido
Ouvindo de vez em quando
Calar soltar um latido
Foi sahir bem no lugar
Onde o crime tinha havido

Elle viu no gamileiro
Que sombriava a estrada
Floriano de Oliveira
Angelita e Esmeralda
Sebastião soluçando
A mulher d'elle prostada

Vio vir uma carruagem
N'ella vinha um magistrado
Que sauçou os 5 vultos
Depois de ter se apeiado
Exclamou sangue inocente
Bréve has de ser vingado

Tornou a tomar o carro
Se montando foi embora,
N'esse momento calar
Vem com a lingua de fora
Festejou todos os vultos
E partiu na mesma hora

Um dos vultos chamou elle,
O cachorro distacou
Valdevino não ouviu
O que o fantasma falou
Só ouviu foi diser volte
E o cachorro voltou

O criminoso pençou
Que alli não escaparia
Lembrando-se de uma pessoa
Que morava na Bahia
Tinha a onde o occultar
Que nem o cachorro o via.

Era um compadre e amigo,
A quem elle protejeu
Que com cinheiro do pai,
Esse tal enriqueceu
E visitou Valdevino,
Quando a justiça o prendeu
Valdevino calculou
Eu o que devo fazer,
E' ir para o quintal d'elle
E por alli me esconder,
Ou elle ou a mulher d'elle
Um ha de me aparecer

E sahio o assassino
Chegando lá se escondeu
Não houve alli quem o visse
Quando o dia amanheceu.
O compadre veio fora,
E elle lhe appareceu.

Valdevino lhe pediu
Que não dechasse-o morrer
Disse-lhe o velho Roberto
Tenho aonde o esconder,
Porem mais ninguem d'aqui
Podará disso saber.

Quatro dias decorriam
O assassino escondido,
Debaxo de umas madeiras
Estava elle alli metido
O pai d'elle na cadeia
E ia ser concluido

Um dia quarta de feira
O velho calar chegou,
A força inda estava armada
Calar alli a olhou,
Cravando a vista no céu,
Um uivo triste soltou.

Veio alli o prezidente,
Que trouxe o pão e lhe deu
Calar olhou para elle
Cherou-lhe os pés e gemeu
Botando o pão entre as mãos
Deitou-se alli e comeu

Chegou a força do mato
Não trazendo o criminoso
O General com aquillo
Ficou muito desgostoso.
Até o governador
Ficou doente e nervoso.

O povo ao redor da força
Só fazia lamentar
Que o pai do assassino
Devia se executar,
Tudo pedia ao governo,
Que mandasse o emforçar.

O cachorro levantou-se
Como quem estava caçando,
Foi a casa de Roberto
Na porta ficou uivando
Olhava para Roberto
Partia a elle rosnando

O General com aquillo
Ficou bastante nervoso
E disse ao governador
Eu estou muito receioso
Que alli n'aquella casa
Esta oculto o criminoso

Então a força cercou
Toda a casa de Roberto
O cachorro só faltava,
Era dizer esta bem perto
O General disse a elle
O senhor está descuberto.

6052

AGENTES

Parahyba (Capital)—Chagas Baptista
Iruzo

Alagoa Grande—Delfino Costa

Guarabyra—A. Baptista Guedes

Em Rio Branco—Manoel Vianna

Em Manaus—Benjamin Cardozo

Em Caruarú—João de Barros

Em Pesqueira—José Liberal

Em Pombal (Parahyba)—Camillo X.
de Farias.

Em Sta Luzia.—Parahyba
José Nunes Figueredo.

Em nossa biblioteca particular encontra-se sempre vinte e tantas qualidades de folhetos deste autor.

Remete-se pelo correio mediante a importância qualquer quantidade, para qualquer Estado.

*O autor reserva o direito de
❖ propriedade. ❖*

34—Rua do Alecrim—34

RECIFE

168